Dia 23 — Santa Margarida de Cortona, da Ordem Terceira de São Francisco

A bem-aventurada Santa Margarida, chamada de Cortona pelo lugar de sua penitência e de sua sepultura, nasceu no povoado de Alviano, ou Laviano, da diocese de Chiusi, na Toscana, por volta do ano de 1249. Faltou-lhe sua mãe aos sete ou oito anos de idade; e, faltando-lhe o freio e a educação, deixou-se levar de sua natural inclinação à liberdade e ao deleite, precipitando-se em todas as desordens de que é capaz uma donzela jovem, formosa e desembaraçada, quando não a contém nem o temor santo de Deus, nem a autoridade de seus pais, nem os respeitos da honra e menos ainda os motivos de religião e uma consciência timorata.

Nove anos havia vivido licenciosa e escandalosamente amancebada com um cavaleiro de Montepulciano quando, numa noite, ao sair o infeliz amante de sua casa, tiraram-lhe violentamente a vida, sem que jamais se tenha podido averiguar o agressor. Tinha Margarida uma cachorrinha que amava muito, a qual se tinha ido atrás do cavaleiro e que, voltando ao cabo de dois dias latindo e uivando, agarrava sua dona pela roupa e a puxava dela em ademã de querer levá-la a alguma parte. Como viu Margarida que seu amante não aparecia, entrando já em cuidado pelos contínuos lastimosos uivos da cachorrinha, resolveu segui-la; e, apenas havia saído da cidade, viu lançado num barranco o cadáver de seu galã, já meio podre, e que despedia um fedor intolerável.

Ficou atônita à vista do horroroso e inesperado espetáculo, e serviu-se Deus deste desengano para convertê-la. Depois de dar algumas lágrimas a sua dor, deu muitas mais a seu profundo arrependimento. Causou-lhe horror a vida que levava e, entrando a graça a obrar em seu coração, concebeu tanta dor de suas enormes culpas que só pensou nos meios de sair daquele abismo e de apagar seus pecados com os rigores da penitência.

Penetrada de tão piedosos sentimentos, foi lançar-se aos pés de seu pai e, desfazendo-se em lágrimas, pediu-lhe perdão dos pesares que lhe havia dado e do menosprezo que havia feito de sua autoridade e de sua bondade paternal, suplicando-lhe com as vozes mais ternas, mais respeitosas e mais eficazes que não a abandonasse, que lhe permitisse viver em sua casa, tanto para estar retirada do pecado como para chorar à sua mesma vista as desordens de sua vida passada. Já se pode discorrer quanto lhe custaria este primeiro passo. A cólera de um pai justamente irritado, o gênio desabrido de uma madrasta declarada inimiga sua, a desonra que havia causado a toda a família eram na verdade dificuldades terríveis; mas por tudo atropelou. O pai, embora tão indignado pela conduta de sua filha, não pôde resistir a sinais tão visíveis de um vivo e sincero arrependimento e assim a recebeu em sua casa; mas não esteve nela muito tempo.

Não pôde sofrê-la a cruel madrasta e, negado aquele coração a todos os sentimentos de religião e de humanidade, lançou-a ignominiosamente da casa paterna, expondo-a às maiores tentações e aos mais iminentes perigos da salvação.

Uma mulher jovem, bem disposta, solicitada dos libertinos, lançada da casa de seus pais, sem rendas, sem socorros, sem amparo, sem recurso algum humano para manter-se, estava reduzida à maior necessidade e à mais terrível tentação em que pode ver-se uma mulher. Achando-se nesta desolação e desamparo, sentou-se debaixo de uma figueira na horta de seu pai, com resolução de deixar-se morrer de fome e de miséria antes que voltar a precipitar-se nas desordens passadas. Ali desfeita em lágrimas e voltando os olhos ao céu, gemia sua triste sorte, exclamando cheia de ternura: É possível, dulcíssimo Salvador das almas, que convertendo cada dia tantas, só à perda da minha te hás de mostrar insensível? Pois em verdade, Senhor, que tanto te custou como a de uma Madalena, como a de uma Tais pecadora. Ó tu, que me resgataste com o preço infinito de teu sangue, não me abandones no triste desamparo em que me vejo e tem misericórdia de mim! Assim exalava seu coração em suspiros e gemidos quando se sentiu interiormente inspirada com forte impulso de ir a Cortona e buscar ali um prudente confessor a cujos pés desafogasse sua consciência e saber dele o que devia executar para salvar-se.

Executou-o no mesmo instante e foi direita ao convento de São Francisco, onde lhe deparou Deus um santo confessor, que ouviu muito detidamente sua confissão geral, instruindo-a com muito zelo, amor e caridade, e a alentou a seguir com fervor os movimentos do Espírito Santo, sendo fiel à graça e entregando-se a exercícios de penitência.

Fê-lo assim; e, persuadida de que já não podia escolher outro gênero de vida, pediu com humilde instância que a recebessem na ordem terceira de São Francisco, no número das que chamam irmãs da penitência. Embora não duvidassem aqueles prudentes religiosos da sinceridade de sua conversão, com tudo isso não lhe concederam o que pretendia até ter provado sua vocação por espaço de três anos e até que tivesse edificado o povo com sua vida exemplar e com sua perseverança.

O fogo do divino amor, que se apoderou logo de seu coração, consumiu bem depressa o ardor que antes tinha pelas criaturas. Mal se viu conversão mais pronta nem mais perfeita. O lugar que antes tinha aquela veementíssima ânsia de lograr todos os gostos, todos os deleites da vida, ocupou-o uma mortal aversão a quanto podia lisonjear a inclinação dos sentidos.

Foi sua vida um prodígio de mortificação e de humildade. Pasmaram os mais fervorosos de seus primeiros passos, e parece que não podiam subir mais de ponto nem o amor aos abatimentos nem os rigores da penitência.

Encerrou-se numa estreita celinha, sem admitir pessoa alguma nem sair jamais dela sem ordem expressa de seu confessor. Olhava com horror aquela sua formosura que havia sido tão perniciosa a sua alma e às alheias; e, não se contentando com debilitá-la por meio de um perpétuo jejum, desde os primeiros dias de sua conversão murchou-a, destruiu-a com espantosas mortificações.

Amassava o semblante com repetidos golpes de uma dura pedra, esfregava-o depois com pedrinhas agudas até derramar sangue, o qual limpava com um pedaço de cânhamo ou de estopa

grossa, que enxugava o sangue e ao mesmo tempo machucava de novo a cútis, sendo enfim tão engenhosa em desfigurar sua beleza que logrou que não ficasse nem sinal do que havia sido.

Reduzia-se sua comida e sua bebida a um pedaço de pão e umas gotas de água, que tomava uma só vez ao dia; de maneira que sua subsistência era tida por espécie de milagre. Dormia no duro chão, sem mais cabeceira que uma pedra. Despedaçava seu corpo com sangrentas disciplinas que se dava muitas vezes ao dia e passava quase toda a noite em oração.

Ouvia-se-lhe prorromper frequentemente em dolorosos soluços e suspiros com a memória de suas culpas passadas; e era tão viva sua contrição, especialmente quando estava aos pés do crucifixo ou do altar, que não poucas vezes se temeu que fosse expirar à violência da dor.

O inimigo comum, que nos princípios parecia estar acovardado à vista de um fervor tão generoso, mostrou depois que não o amilanam de todo nem as maiores penitências nem a mais constante perseverança. Deu princípio à tentação, representando-lhe que tanto retiro era indiscreto e que era imprudente tanta penitência; que sem dúvida seria homicida de si mesma com tanto jejum, com tanta vigília e com tanta mortificação imoderada; que já havia feito bastante e que era tempo de tomar algum alento; e que, pois Deus lhe havia dado a entender que lhe haviam perdoado seus pecados, devia dar-se por contente e viver mais descansada.

Não custou muito a nossa ditosa iluminada penitente descobrir a cara do maligno tentador entre estes mal dissimulados traços de seu enganoso espírito; e assim só serviram seus artifícios para obrigá-la a dobrar as penitências e para fazê-la mais humilde. Um dia em que se sentiu mais oprimida com a multidão e com a violência das tentações, queixava-se amorosamente ao Senhor, prostrada aos pés de um crucifixo, e sua divina Majestade a consolou maravilhosamente com estas doces palavras: Tem ânimo, filha minha, por mais violentos que sejam os esforços do demônio, pois eu estou contigo no combate e sempre sairás vitoriosa; sê fiel em tudo aos conselhos de teu diretor; confia cada dia mais e mais em minha bondade, desconfia de ti mesma e com o socorro de minha graça triunfarás do inimigo.

Quanto mais se aperfeiçoava a virtude de Margarida, mais crescia em seu coração o amor aos trabalhos e a ânsia pelos abatimentos. Parecia-lhe que era objeto de horror e de abominação às gentes e admirava-se muito de que a tolerassem em Cortona. O maior consolo que lhe podiam dar era mostrar que a desprezavam. Era preciso toda a rendida obediência que professava a seus confessores para não dar em imprudentes excessos. Pedia-lhes licença muitas vezes para sair pelas ruas públicas com um baraço ao pescoço, pedindo perdão do escândalo que havia dado; ou, enfim, para que a encerrassem na casa onde estavam recolhidas as más mulheres.

Não podia deixar de ganhar o coração e os carinhos de Deus uma alma tão penitente e tão humilde. Cumulou-a o Senhor dos maiores favores e foi dotada de um sublime grau de contemplação. Favoreceram-na com muitas visitas os espíritos bem-aventurados e especialmente o santo anjo de sua guarda. Seu confessor, que escreveu sua vida, assegura que o Salvador a ensinava por si mesmo, falando-lhe na oração com modo muito extraordinário. A matéria quase contínua de sua meditação era a paixão do mesmo Salvador, a que professava uma devoção ternissima, e sempre com novas ânsias de padecer mais e mais por Jesus Cristo. Sua ternura e sua devoção com a santíssima Virgem era amorosíssima, considerando-a como mãe de pecadores.

Todos os dias se aproximava dos sacramentos da penitência e da eucaristia, e cada dia com novo consolo e com maior fervor. Autorizou-a Deus com o dom dos milagres; mas era preciso valer-se de algum estratagema para reduzi-la a que tocasse os enfermos, que no mesmo instante ficavam sãos, e depois era preciso guardar-se bem de atribuir-lhe sua milagrosa cura.

Vinte e três anos havia que esta ditosíssima penitente vivia entregue ao contínuo exercício das mais heroicas virtudes, especialmente de uma excessiva penitência, quando o Senhor lhe deu a entender que se aproximava a hora de sua morte e que nela viriam assisti-la todas aquelas almas que com suas orações havia livrado das penas do purgatório. Desde aquele ponto ocupou-se unicamente de seu Deus e do ardentíssimo desejo de possuí-lo. Por fim, consumida ao rigor das penitências e abrasada no fogo do divino amor, tendo recebido os santos sacramentos, rendeu tranquilamente sua alma nas mãos de seu Criador no dia 22 de fevereiro do ano 1297, quase aos quarenta e oito anos de sua idade.

Logo que se divulgou na cidade sua ditosa morte, tão preciosa aos olhos do Senhor, acudiu a sua celinha todo o povo, tanto para venerar o santo cadáver como para encomendar-se às orações daquela alma bem-aventurada. Enterraram-na na igreja do convento de São Francisco; e seu enterro mais pareceu triunfo que pompa fúnebre. Declarou logo o Senhor a santidade de sua fidelíssima serva com multidão de milagres, os quais, juridicamente comprovados, com autoridade de Leão X, aquele pontífice permitiu seu culto na diocese de Cortona. No ano de 1623 expediu o decreto de sua beatificação o papa Urbano VIII, dando permissão para que se celebrasse seu ofício em toda a ordem de São Francisco; e finalmente, no dia dezesseis de maio de 1728, a canonizou solenemente o papa Bento XIII, mandando que se celebrasse sua festa por toda a universal Igreja neste mesmo dia, posterior ao de seu felicíssimo trânsito, por estar este ocupado com a festa da Cátedra de São Pedro.

O corpo desta bem-aventurada penitente conserva-se incorrupto até hoje, e todos os anos se expõe à veneração pública da cidade de Cortona, no convento dos padres franciscanos observantes, cuja igreja tinha antes a invocação de São Basílio e agora se chama Santa Margarida.

Santa Marta, Virgem e Mártir

Logo que o ímpio Décio ascendeu tiranicamente ao governo do império romano, tendo dado aleivosa morte aos dois imperadores Filipes, um em Roma e outro em Ravena, moveu tão cruel perseguição contra a Igreja que só na Espanha se contaram muitos milhares de mártires em poucos meses, no governo do procônsul Paterno. Passou à Espanha este homem cruel, sumamente adicto às superstições gentílicas, com o perverso intento de aniquilar, se pudesse, o nome e religião de Jesus Cristo. Apenas havia chegado, para descobrir os cristãos, mandou em todas as partes que se fizessem sacrifícios públicos aos deuses imperiais, aos quais devia concorrer o povo, sob as penas mais severas. E, tendo por tais os que não assistissem, sem outra averiguação, procedia contra eles com vários gêneros de tormentos. Chegou à cidade de Astorga com a mesma ideia e, tendo publicado seus costumados editos e sabendo que não concorreu à solenidade dos ordenados sacrifícios Marta, filha de nobilíssimos pais e opulenta em riquezas, e suspeitando, pois,

de sua religião por esta causa, deu ordem a seus ministros para que sem dilação a trouxessem a seu tribunal. Quando teve a santa notícia da providência do procônsul, não duvidou de que o Senhor havia aceitado o sacrifício de sua vida que já lhe tinha feito e creu que era tempo de cumpri-lo. Cheia de gozo com a esperança de juntar a coroa de mártir à de virgem, partiu animosa à comparecência, considerando que ventura tão grande era a de derramar o sangue por Jesus Cristo; e, alentando seu coração com semelhante esperança, caminhava à morte com a alegria com que poderia a um triunfo.

Apresentada a Paterno, este, com tom bastante irado, falou-lhe nestes termos: «Com que presunção soberba, valendo-te de tua nobre condição, te atreves a desprezar nossos deuses por meio de uma fuga clandestina? Quem és tu e qual é teu nome? — Eu me chamo Marta — respondeu a santa com valoroso espírito —, descendente da ilustre prosápia dos asturianos, e tenho dado meu nome e alma a Jesus Cristo, que me criou do nada e me elegeu para coisas maiores.»

Conhecendo o procônsul no ar e animosidade da donzela a distinção de sua qualidade, solicitou pervertê-la com palavras lisonjeiras, aconselhando-a a que desistisse das necedades que adotavam os cristãos em sua religião e persuadindo-a a que sacrificasse aos deuses do império, se desejava salvar sua vida. Mas desprezou a santa, com valor superior a seu sexo, as repreensões de Paterno; e, batendo este os pés de coragem, mandou que, pendurada num potro, desgarrassem os verdugos com garfos de ferro seu delicado corpo, membro por membro, que aplicassem a seus flancos tochas acesas e lançassem sal moído sobre suas feridas. Tudo se executou com a maior crueldade. Mas que importa o poder humano quando intervém a divina assistência? Com esta superou Marta a desumanidade daquele suplício, que causou horror até aos próprios gentios; e, em vista de sua constância, cheio de confusão o tirano, mandou encerrá-la num calabouço. Na mesma noite Jesus Cristo, aparecendo-lhe no meio de um brilhante resplendor, consolou e confortou docemente sua serva.

Vendo o procônsul que de nada aproveitavam as incomodidades e misérias da prisão para render a constância daquela virgem cristã, depois de alguns dias fez que comparecesse segunda vez à sua presença e, mudando de tom e de modos, quis com doçura e afabilidade atraí-la a que condescendesse com seus desejos. Chegou sua porfia a tal extremo que, para ter a glória de tê-la rendido, ofereceu-a por esposa a seu próprio filho; e, ponderando-lhe as vantagens de semelhante enlace, dizia-lhe: «Não faças ostentação da cegueira, deixa as néscias superstições da seita cristã, sejam nossos deuses desde hoje o único objeto de teus cultos, sejam suas máximas a única regra de teus ditames e operações; reflete bem o que desprezas e faze-te cargo de que, se o abraças, ocuparás um dos postos mais distintos no império, possuirás grandes riquezas, serás uma das primeiras senhoras do mundo e farás ditosa tua casa e parentela.» Mas, desprezando a santa virgem com não menos generosidade que na tentativa primeira as seduções da proposta, respondeu-lhe: «Eu estou já desposada com Jesus Cristo, esposo incomparável com todos os da terra, de cujo amor não poderá separar-me nem a tribulação, nem a angústia, nem o perigo, nem a perseguição, nem a espada, nem a própria morte.» Bramava Paterno enfurecido, dizendo entre si: morro de pena, vendo-me vencido de uma mulherzinha. Mas, temeroso de que se tornasse público o triunfo de Marta neste segundo ataque, como na ocasião antecedente, tomou o partido de mandá-la degolar secretamente. Por cujo meio logrou a santa a coroa do martírio no dia 23 de

fevereiro, pelos anos 254. Vingou-se o bárbaro mandando lançar seu venerável corpo a um lugar de imundície, do qual o tirou uma matrona, cristã nobilíssima, e lhe deu sepultura decente.

As relíquias desta ilustre mártir espanhola conservam-se com grande veneração na igreja de seu nome, situada no bispado de Astorga, chamada Santa Marta de Terra, que foi na antiguidade mosteiro de religiosos beneditinos e hoje abadia entre os títulos da catedral daquela Igreja. A prova de sua grande devoção nos primeiros séculos são os muitos templos e capelas dedicadas a sua honra nas Astúrias, Galícia, reino de Leão e Castela a Velha; valendo-se de seu nome não poucas filhas daquelas províncias, onde se invoca frequentemente sua intercessão para com Deus.

Martirológio Romano

A vigília de São Matias, apóstolo.

Em Sírmio, São Sereno, monge e mártir, a quem encarceraram por ordem do imperador Maximiano e, por ter confessado que era cristão, cortaram a cabeça.

Ali mesmo, a festa de setenta e dois santos mártires que, tendo sofrido animosamente a morte, entraram no reino eterno.

Em Roma, São Policarpo, presbítero, o qual em companhia de São Sebastião converteu muitos infiéis à fé de Jesus Cristo e com suas exortações os conduziu à glória do martírio.

Na cidade de Astorga, Santa Marta, virgem e mártir, no tempo do imperador Décio e do procônsul Paterno.

Em Constantinopla, São Lázaro, monge, a quem, como se ocupasse em pintar imagens sagradas, atormentaram cruelmente por ordem de Teófilo, imperador iconoclasta, e queimaram a mão com um ferro ardente; mas, curado milagrosamente, refez as imagens que havia apagado aquele ímpio príncipe e morreu em paz.

Em Bréscia, São Félix, bispo.

Em Sevilha, São Florêncio, confessor.

Em Todi, Santa Romana, virgem, que foi batizada pelo papa São Silvestre e, tendo levado vida celestial em grutas e cavernas, se fez célebre por seus milagres.

Na Inglaterra, Santa Milburga, virgem, filha do rei dos mércios.

Missa (oração)

A missa é do comum das santas não virgens, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui famulam tuam Margaritam de perditionis via ad salutis tramitem misericorditer deduxisti: eadem nobis miseratione concede, ut, quam prius errantem sectari non erubuimus, mox pœnitentem impigre sequi gloriemur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que misericordiosamente tirastes vossa serva Margarida do caminho largo da perdição, reduzindo-a à estreita senda da salvação eterna, concedei-nos, por vossa mesma infinita misericórdia, que, pois não tivemos vergonha de imitá-la em seus desacertos, tenhamos a glória de segui-la em sua penitência: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do livro do Eclesiástico, que se lê na missa da vigília de São Matias apóstolo.

> **Latim:** *Benedictio Domini super caput justi. Ideo dedit illi Dominus hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim: et invenit gratiam in conspectu omnis carnis. Et magnificavit eum in timore inimicorum: et in verbis suis monstra placavit. Glorificavit illum in conspectu regum, et ostendit illi gloriam suam. In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum: et elegit eum ex omni carne. Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ: excelsum fecit illum. Statuit illi testamentum æternum, et circumcinxit eum zona justitiæ, et induit eum Dominus coronam gloriæ.*

Português: A bênção do Senhor está sobre a cabeça do justo. Por isso lhe deu o Senhor a herança e a repartiu entre as doze tribos; e ele achou graça aos olhos de todo homem. E engrandeceu-o diante de seus inimigos, e com suas palavras aplacou os monstros. Glorificou-o na presença dos reis e mostrou-lhe sua glória. Santificou-o por sua fé e mansidão e elegeu-o entre todos os homens. E deu-lhe cara a cara os preceitos e a lei de vida e de sabedoria. Fê-lo excelso, firmou com ele um pacto eterno, cingiu-o com o cinto da justiça, e o Senhor o honrou com a coroa da glória.

Nota

«Já em outra parte se deu alguma ideia deste admirável livro, escrito por Jesus, filho de Sirach, e ditado interiormente pelo Espírito Santo. Muitos são de opinião que este Jesus foi um daqueles setenta e dois intérpretes famosos que Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, fez vir a Alexandria para traduzir em grego os livros sagrados. A dita epístola está tirada dos capítulos 44 e 45 da Sabedoria, onde o autor louva em geral os patriarcas antigos e em particular faz o elogio de Moisés e de Aarão.»

Reflexões

Grande ventura, suprema ventura estar na graça do Senhor! Há, nem pode haver, motivo de alegria mais pura, mais plena, mais cumprida? O favor dos príncipes faz validos, mas não faz ditosos. Não exclui o mérito, mas não o supõe nem o dá. Por isso não há coisa mais caduca que seu favor, nem a há mais inconstante que sua graça. Do favor dos grandes a sua desgraça nem sempre há a maior distância. Com razão se diz que é o destino comum dos favoritos não conservar o favor até o fim, ou porque os príncipes se cansam deles quando já não têm mais que dar-lhes, ou porque eles se cansam dos príncipes quando não têm mais que receber. Não sucede o mesmo na amizade com Deus; a felicidade, o cúmulo das venturas é fruto de sua benevolência. Como superior à inconstância que acompanha a amizade dos grandes, a de Deus não se pode perder senão por culpa nossa. Ela mesma dá todo o mérito; pois ser amigo de Deus é ser justo. Que título mais pomposo, que nome maior, que caráter mais respeitável nem mais precioso que ser grato aos olhos de Deus? A liberalidade é inseparável do amor; por isso derrama Deus suas bênçãos sobre a cabeça do justo: *Benedictio Domini super caput justi.* Com que luzes sobrenaturais não ilumina as almas puras! Com que celestial ardor não abrasa os corações vazios e limpos dos desejos terrenos! Que consolo interior, que secreta doçura, que abundância de graças não comunica aos que o servem com fidelidade! Quão feliz, quão ditosa é sua sorte nesta vida e na outra! Co-herdeiros de Jesus Cristo e herdeiros do mesmo Deus, será o céu sua eterna mansão e a glória sua rica herança. Tudo quanto o Sábio diz neste capítulo dos patriarcas da lei antiga, tudo se verifica nos santos da nova. Nenhum há que, por sua fiel correspondência à graça e por sua generosa perseverança no serviço de Deus, não tenha sido grande e não se tenha feito temível aos inimigos de sua salvação: *Et magnificavit eum in conspectu inimicorum.* O justo vive da fé; e a brandura, a mansidão e a humildade são em parte o caráter de todos os justos: *In fide et lenitate sanctum fecit illum*: fazem-se respeitáveis por sua regrada vida, e é a prudência seu verdadeiro retrato. Na verdade, nem sempre é reconhecido o mérito dos justos enquanto vivem, nem sempre se faz justiça a sua virtude. O mundo aborrece muito ao Senhor para que não aborreça seus servos; mas sempre é certo que, embora os virtuosos sejam pouco estimados nesta vida, sempre é respeitada a virtude. Até no coração dos grandes do mundo encontra a virtude um fundo de estima que lhes faz olhar com certa espécie de inveja a sorte dos santos, por invisível que seja a nossos olhos. Ofusca a vista o tumulto do mundo; mas o falso brilho que deslumbra os mundanos não é bastante para tranquilizar seu coração. Conhece-se bem que este doce repouso, esta paz, este contentamento interior é herança reservada às almas justas. Todos invejam sua ventura; pois por que não imitarão a pureza de seus costumes, sua piedade e sua inocência? É a ciência da salvação uma faculdade em que todos podem ser hábeis. Oh, e quanta verdade é que só há verdadeira sabedoria no

entendimento e no coração das almas justas!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,12-16

> **Latim:** 12 Hoc est præceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos. 13 Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis. 14 Vos amici mei estis, si feceritis quæ ego præcipio vobis. 15 Jam non dicam vos servos : quia servus nescit quid faciat dominus ejus. Vos autem dixi amicos : quia omnia quæcumque audivi a Patre meo, nota feci vobis. 16 Non vos me elegistis, sed ego elegi vos, et posui vos ut eatis, et fructum afferatis, et fructus vester maneat : ut quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, det vobis.

Português: 12 O meu preceito he este, que vós ameis huns aos outros, como eu vos amei. 13 Ninguem tem maior amor do que este, de dar hum a propria vida por seus amigos. 14 Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. 15 Já vos não chamarei servos: porque o servo não sabe o que faz seu Senhor. Mas chamei-vos amigos: porque vos descobri tudo quanto ouvi de meu Pai. 16 Vós não fostes os que me escolheste a mim: mas eu fui o que vos escolhi a vós, e o que vos constitui, para que vades, e deis fruto: e para que o vosso fruto permaneça: para que tudo quanto vós pedirdes a meu Pai em meu nome, elle vo-lo conceda.

Meditação

Da santidade

Primeiro ponto

Considera que só há uma fortuna a que aspirar, que é a de ser santo. A santidade é o único objeto digno de um coração cristão. Busca algum outro bem mais real, imagina outra glória mais sólida, discorre outra ventura mais plena em que mais te interesses; e contudo este é pontualmente o único bem que desprezamos, por correr atrás de quimeras.

De que servirá a um homem, um instante depois de sua morte e até uma hora antes de expirar, ter sido rico, poderoso, honrado, ter-se divertido em tudo o que pôde, se perde sua alma? Mas ter-se-á

muita lástima dele porque tenha sido pobre, humilhado, perseguido, o desprezo e a zombaria do mundo, se é santo e se salva? E será possível que não despertem nossos desejos, que não se alente nosso desmaio na solicitude desta doce santidade?

Ser santo é ser servo de Deus. Pode haver título que mais nos honre? Podemos encontrar amo melhor, que mais nos premie? Ainda há mais: ser santo é ser amigo de Deus, filho de Deus, ser feliz e ser eternamente feliz com a felicidade do mesmo Deus. Quem é santo não somente possui todos os bens juntos, mas o mesmo manancial de todos os bens. Falando com propriedade, não é a alegria do Senhor a que entra no coração dos santos, porque seria espaço muito estreito e estaria muito apertada; a alma dos bem-aventurados é a que se engolfa, a que, por assim dizer, deliciosamente se afoga na alegria do Senhor, isto é, nas delícias e na bem-aventurança do mesmo Deus.

Imagina tudo quanto pode contribuir para fazer um homem perfeitamente feliz na terra; junta todos os tesouros do universo, toda a magnificência dos grandes, todas as honras, todos os gostos do século; une todas as coroas do mundo para fazer um só monarca do universo; aparta desta ideia de felicidade tudo quanto possa de alguma maneira desazonar e dar desgosto, por mais inseparável que este seja da vida: nunca poderás tirar de permeio a certeza de que algum dia se há de morrer, e este só pensamento é capaz de encher de fel e de amargura todos os contentamentos deste mundo. Somente a santidade inclui, contém uma felicidade pura, eterna, sem medo de perdê-la jamais. Esta será minha sorte se me salvo, esta será minha herança. Pode encontrar objeto mais digno minha ambição? Pode haver outro prazer que seja mais de meu gosto? É possível que possa estar com Deus por toda a eternidade, e é possível que possa aspirar a outra fortuna, a um emprego, a uma dignidade, a uma praça que me levantará um pouco mais para precipitar-me de mais alto e para fazer mais sensível minha queda, a uma distinção que me produzirá mil invejosos, a amontoar riquezas com fadigas e suores para que as desbarate um herdeiro ingrato, ímpio e libertino! A isto aspiro, e não aspiro a ser santo!

Que vergonha, Senhor, mas ao mesmo tempo que dor é a minha de ter pensado até aqui em outra coisa que nisto! É possível, dulcíssimo Jesus meu, que o único que esqueci, e ainda que menosprezei, tenha sido vossa amizade e minha salvação!

Segundo ponto

Considera que não estás na terra senão para lograr a mesma ventura que os bem-aventurados no céu. Sua recompensa é grande, e a nossa pode não ser menor. Eles são santos, e nós nascemos somente para sê-lo; e não pensamos unicamente em consegui-lo, meu Deus! É ser prudente, é ser nem sequer racional deixar perder tão grande fortuna?

Mas talvez nos acovarda o muito que custa ser santo. Pois quê, custa porventura mais do que vale o céu? É mais do que Deus merece? As dificuldades nos espantam, os trabalhos nos aterram. Vãos espantalhos, terror pânico, dificuldades imaginárias que se desvanecem logo que se entra com valor na carreira da virtude. Pergunto: não custa trabalho, não há dificuldades que vencer para fazer-se rico, para lograr o emprego, para ascender à dignidade? Não há muito que padecer para

fabricar-se uma quimérica fortuna? Que fadigas, que desvelos, que viagens, que sustos, que cortejos, que desaires, quantas amarguras há que devorar e que tragar! Mas que fortuna há no mundo tão brilhante que valha os suores, as angústias, os cuidados, os desaires, as mortificações, os vergonhosos abatimentos que é preciso sofrer para lográ-la? Nenhum caminho há no mundo que não esteja cheio de espinhos e de atoleiros; e com tudo isso a nenhum acovarda este montão de dificuldades.

Custa trabalho ser santo, é verdade, não o nego; é preciso mortificar as paixões; é preciso estar sempre com as armas na mão; é indispensável entrar em mil batalhas, vencer sempre o inimigo e vencer-se a si mesmo; mas também se há de confessar que Deus comunica por meio de sua graça tal unção, tal doçura ao coração que torna suavíssimo seu jugo. Tropeçam-se cruzes a cada passo; mas é dulcíssimo o fruto dessas cruzes. Que consolo se sente até entre os rigores da mais severa penitência! Mas suponhamos que não se percebesse no cálice mais que amargura nem se pisassem mais que espinhos no caminho; quando se trata de ser eternamente feliz ou de ser eternamente desventurado, haveria que deliberar?

Parece-te que os santos compraram muito caro a santidade. Custou demasiado a Santa Margarida de Cortona? Foi longa, foi rigorosa sua penitência, mas agora que lhe parecerá à santa? Que foi excessiva? Pesar-lhe-á hoje o rigor de suas disciplinas? Todos aspiramos à mesma ventura que gozam os santos, todos esperamos chegar ao mesmo termo; mas vamos todos pelo mesmo caminho?

Ó inestimável felicidade, ó ditosa sorte a dos santos! Como te pude eu perder de vista um só momento? Que outra fortuna pôde ocupar necedamente minha ambição? Senhor, o ardente desejo que agora me abrasa de possuir tão grande ventura há de fazer-vos esquecer minha passada insensibilidade? Vós quereis que seja santo; e eu quero sê-lo. Isto está feito, meu Deus, isto está feito; quero viver como os santos para ser santo.

Jaculatórias

> *Convertere, anima mea, in requiem tuam: quia Dominus benefecit tibi.* Sl 114.

Volta, alma minha, todo o teu pensamento ao descanso eterno que te espera e para o qual te criou a benéfica misericórdia do Senhor.

> *Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.* Sl 136.

Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém celestial, mansão feliz dos bem-aventurados, que me esqueça também até de minha mesma mão direita.

Propósitos

1. Não te contentes com amar a santidade, com estimá-la, com louvar os santos. Este é o único fruto que se costuma tirar das reflexões que se fazem acerca de suas virtudes e de seus elogios. Resolve-te eficazmente a imitá-los e trabalha sem dilação e sem afrouxar nesta grande obra. Dá princípio a ela examinando se há em ti algum estorvo que o seja de tua salvação. Abraçaste o estado a que Deus te chama e no qual te quer? Não tens alguma inclinação, alguma comunicação, algum amor menos puro ou menos inocente? Não te servem de embaraço tuas ocupações ordinárias, tua ociosidade, tuas amizades, teus costumes, tuas diversões? Não deixes passar o dia sem reformar tudo o que pode ser prejudicial a tua verdadeira fortuna. Consulta com teu confessor qual é tua paixão dominante: este é o inimigo mais temível de tua salvação, com quem é preciso não fazer jamais paz nem trégua e a quem nunca hás de dar quartel.

2. Mas não basta tirar todos os estorvos à santidade; é necessário aplicar todos os meios oportunos para ser santo e pôr mãos à obra incessantemente. Examina-te com especialidade sobre os pontos seguintes. Primeiro: és exato em ter um dia de retiro cada mês e em visitar cada dia o santíssimo Sacramento? Segundo: quanto tempo empregas cada dia nos exercícios espirituais e no de outras boas obras? Terceiro: que fruto tiras da frequência dos sacramentos? Quarto: como cumpres as obrigações de teu estado? Tem presente que o modo de fazer grandes progressos na virtude é cumprir exatamente com estas obrigações. Quinto: visitas os pobres e os socorres quanto podes em suas necessidades? Quando Jesus Cristo fala da entrada dos santos no gozo do Senhor, só faz memória das obras de misericórdia. Sexto: a melhor lição espiritual para todos são as vidas dos santos; porque as há de todas as idades, de todas as condições e de todos os estados. Escolhe uma por teu protetor especial e por teu modelo. O melhor modo de merecer a proteção dos santos é imitá-los; nunca leias suas vidas sem desejo e até sem resolução de imitar alguma de suas virtudes.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:16 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:16 by Admin